

## **DO INTERIOR PARA OS PORÕES, DOS PORÕES PARA AS FACHADAS: OS JAPONÊSES NO BAIRRO DA LIBERDADE EM SÃO PAULO.**

From the inland to the basements, from the basements to the façades: the japanees in the neighborhood of Liberdade in São Paulo.

Del interior para los sótanos, de los sótanos para las fachadas: los japonees en el barrio de la Libertad en São Paulo.

Jader Tadeu Fantin

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU USP

[jader@sc.usp.br](mailto:jader@sc.usp.br)

### **Resumo**

O objetivo deste texto é ressaltar uma parte da história do imigrante em São Paulo, desde os motivos para a imigração, a chegada e o estabelecimento, até o desenvolvimento da colônia junto com a cidade por meio da constituição de instituições e atividades no distrito da Liberdade; trata-se do grupo dos japoneses. O trabalho abordará os primeiros grupos de imigrantes para a cidade e passará a deter-se na história dos nikkeis. Serão demonstrados quais os ramos de atividades em que os japoneses se destacaram e a sua contribuição para a caracterização e desenvolvimento do distrito.

**Palavras-Chave:** São Paulo; distrito da Liberdade; imigrantes; japoneses.

### **Abstract**

This paper aims to highlight apart of the history of Japanese immigrants in São Paulo –from the reasons for immigration, the arrival and settling, to the development of the colony along with the city by the means of the establishment of institutions and activities in the neighborhood of Liberdade. In this work, we will present the first groups of immigrants that settled in the city and thus we will focus on the history of the Nikkei people. We will also show the branches of activities in which the Japanese people excelled, at that time, and their contribution to the characterization and development of the district.

**Key-words:** São Paulo; district of Liberdade; immigrants; japanese.

### **Abstracto**

El propósito de este texto es resaltar una parte de la historia del inmigrante en São Paulo, desde los motivos para la inmigración, la llegada y el establecimiento, hasta el desarrollo de la colonia junto con la ciudad por medio de la constitución de instituciones y actividades en el distrito de la Libertad; se trata del grupo de los japoneses. El trabajo abordará los primeros grupos de inmigrantes para la ciudad y pasará a detenerse en la historia de los nikkeis. Serán demostrados cuáles los ramos de actividades en que los japoneses se destacaron y su contribución para la caracterización y desarrollo del distrito.

**Palabras clave:** São Paulo; distrito de la Libertad; inmigrantes; japoneses.

### **Introdução**

Muitos são os trabalhos que trataram da imigração para o Brasil, para o estado e cidade de São Paulo no contexto da abolição da escravatura. Sabe-se que em dado período a capital bandeirante foi mais estrangeira do que nacional, o que dá a esses estudos uma importância ainda maior. O objetivo deste texto é ressaltar um capítulo da história do imigrante em São Paulo, desde a chegada e o estabelecimento até o desenvolvimento junto com a cidade por meio da constituição de instituições e empreendimentos; trata-se do grupo dos japoneses no distrito da Liberdade. Serão apresentados alguns resultados do mestrado financiado pela

Fapesp “Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX” sob orientação da professora Sarah Feldman do Instituto de Arquitetura e Urbanismo – USP São Carlos. O trabalho tratará dos primeiros grupos de imigrantes para a cidade e assim buscará deter-se na história dos nikkeis, desde os motivos que levaram à imigração até a fixação em São Paulo, a concentração na Liberdade, as instituições e as atividades iniciadas de modo a tornar mais clara a contribuição desse grupo para o desenvolvimento da capital.

O crescimento de São Paulo alavancou quando o café passou a ser exportado por Santos a partir de 1868. Com o fim da escravidão, o governo necessitava suprir as necessidades de mão-de-obra, e para isso buscou atrair imigrantes. Um número cada vez maior de estrangeiros passou a se estabelecer na capital, culminando com a construção em 1888 da Hospedaria dos Imigrantes no Brás, o que lhes facilitou a fixação e chamou a atenção de fazendeiros que vieram a São Paulo em busca de trabalhadores (SINGER, 1977, p. 29;36).

Do total de 4,8 milhões de imigrantes que entraram no país entre 1820 e 1949, 2,5 milhões se fixaram no Estado de São Paulo. No ano de 1893, os estrangeiros formavam a maioria na capital representando cerca de 54,6% da população; em 1920, contavam-se cerca de 188.045 estrangeiros e 186.077 brasileiros – maiores de 15 anos. Em 1934, cerca de 67% dos paulistanos eram estrangeiros ou filho de estrangeiros (HALL, 2004, p.121)!

Tabela 1: População total e estrangeira no estado e município de São Paulo – censos do IBGE

	Estado de SP			Cidade de São Paulo		
	Total	Estrangeiros	%	Total	Estrangeiros	%
<b>1920</b>	4.592.188	829.851	18	579.033	205.245	35
<b>1940</b>	7.180.316	761.991	11	1.326.261	285.469	22
<b>1950</b>	9.134.423	627.433	7	2.198.096	300.043	14
<b>1960</b>	12.823.806	717.570	6	3.781.446	~~	~~
<b>1970</b>	17.619.784	629.079	4	5.924.615	381.697	6
<b>1980</b>	25.053.601	523.444	2	7.114.258	310.034	4

Fontes: Censos do IBGE1920-1980

Quase todos os grupos de imigrantes, com exceção dos sírios-libaneses foram para as lavouras antes de se estabelecerem na cidade. Em São Paulo, esses grupos se concentraram nos bairros centrais que apresentavam mais oportunidades de emprego: os italianos e espanhóis distribuíam-se nos bairros do Brás, Bom Retiro, Mooca, Belenzinho e Bela Vista; os portugueses ao longo da Rua Florêncio de Abreu, na Luz; os sírio-libaneses ao longo da Rua 25 de Março e vizinhanças; os judeus no Bom Retiro e Mooca; os armênios na Luz; os húngaros no Brás e Mooca, e os japoneses na Liberdade. “Imigrantes pobres ocuparam o Brás, a Mooca, ampliaram esses bairros e mudaram sua fisionomia, como é aqui conhecido” (FAUSTO, 1997, p.66).

Na década de 1940, Araújo afirma que nas escolas municipais, dos 70.000 alunos matriculados, cerca de 55% eram filhos de pais estrangeiros e 45% de pais brasileiros (ARAÚJO, 1940, p.229-230).

Tabela 2: Brasileiros e Estrangeiros em Sta. Ifigênia, Sé, Liberdade e Bom Retiro - 1934.

Nacionalidades	Distritos			
	<i>Sta. Ifigênia</i>	<i>Sé</i>	<i>Liberdade</i>	<i>Bom Retiro</i>
<i>Italianos</i>	8,26%	7,24%	8,87%	11,49%
<i>Portugueses</i>	6,42%	5,42%	4,62%	2,54%
<i>Espanhóis</i>	1,51%	1,30%	1,33%	1,44%
<i>Japoneses</i>	0,13%	1,61%	2,10%	0,07%
<i>Alemães</i>	2,43%	1,67%	1,18%	0,38%
<i>Austríacos</i>	0,70%	0,33%	0,31%	0,28%
<i>Húngaros</i>	0,78%	0,34%	0,18%	0,19%
<i>Russos</i>	0,76%	0,29%	0,23%	2,30%
<i>Sírios</i>	2,68%	11,57%	0,98%	0,21%
<i>Outros grupos estrangeiros</i>	6,66%	7,69%	2,28%	16,58%
<i>Não declarados</i>	0,09%	0,05%	0,18%	0,09%
<b>Total de Estrangeiros</b>	30,33%	37,47%	22,07%	35,48%
<b>Total de brasileiros</b>	69,58%	62,48%	77,75%	64,43%

Fonte: ‘Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais’ – Recenseamento de 1934 citado no trabalho de Araújo (1940) p. 235.

A imigração dos italianos é datada do final do século XIX – 1880, quando os fazendeiros iniciaram o processo para substituir a mão de obra escrava. A presença destes imigrantes foi sentida culturalmente, além da criação de inúmeras instituições próprias de auxílio. Hall (*op. cit.*, p. 129) identificou entre 1878 e 1974, cerca de 44 sociedades italianas de socorro em São Paulo e mais de 295 periódicos publicados em língua materna. Os portugueses entraram no Brasil em maior número entre os anos de 1910–1914. Este grupo se estabeleceu na cidade, e seus membros se empregaram como pedreiros, pintores, carpinteiros e motoristas, ou ainda abriram pequenos negócios como botequins, armazéns, açougues, adegas e quitandas.

Os espanhóis também vieram para as lavouras e após sofrerem maus tratos abandonaram o campo. Há o registro de cerca de 27 jornais veiculados em língua espanhola e de duas instituições importantes como a Federação Espanhola e a Associação Hispano-Americana. Estabeleceram-se principalmente nos bairros do Brás, Belenzinho, Mooca, Cambuci e Bom Retiro (HALL, *op. cit.*, p.135-136).

No bairro do Bom Retiro concentraram-se os imigrantes judeus – em torno de 23 mil em 1950. Após 1960 os coreanos começam a ocupar o bairro e nas últimas décadas observou-se a chegada dos bolivianos. Feldman (2008, p.633-643) aponta que esses grupos de imigrantes foram os responsáveis pela instalação e permanência de atividades de comércio e de produção (concentradas no ramo têxtil), montando uma estrutura física funcional que deu suporte ao desenvolvimento posterior do bairro.

Destacam-se ainda os armênios no ramo calçadista na região do Mercado Municipal e na rua São Caetano, na Luz, e os sírio-libaneses nas ruas 25 de março, Cantareira e avenida do Estado.

Tabela 3: Grupos étnicos no estado e município de São Paulo – censos do IBGE<sup>1</sup>

	<i>espanhóis</i>		<i>italianos</i>		<i>portugueses</i>		<i>japoneses</i>	
	<i>estado</i>	<i>município</i>	<i>estado</i>	<i>município</i>	<i>estado</i>	<i>município</i>	<i>estado</i>	<i>município</i>
<b>1872</b>	~~	36	~~	148		911	~~	~~
<b>1920</b>	171.289	24.902	398.797	91.544	167.198	64.687	24.435	966
<b>1940</b>	121.162	35.156	213.091	73.949	155.251	78.949	128.957	8.923
<b>1950</b>	90.368	~~	145.307	~~	139.438	~~	105.311	~~
<b>1960</b>	105.423	~~	136.332	~~	205.860	~~	111.094	~~
<b>1970</b>	84.429	46.563	93.081	56.698	202.330	136.497	109.530	45.731
<b>1980</b>	57.369	30.144	60.280	37.799	174.089	109.035	89.361	40.520

Fontes: Censos do IBGE 1872-1980

Os grupos de imigrantes atuaram sobretudo nos bairros centrais, intensificando o comércio, iniciando pequenas fábricas e a prestação de serviços. Além de movimentar o setor econômico, os estrangeiros criaram outras instituições facilitadoras como associações de crédito exclusivas, escolas e clubes – conforme demonstram as fontes pesquisadas para o trabalho.

Esses grupos de estrangeiros desenvolveram um papel importante na história de São Paulo. O estudo sobre o Bom Retiro mostra a sucessão dos distintos grupos que consolidaram um setor econômico especializado naquele bairro; neste trabalho procurar-se-á demonstrar os grupos atuantes na Liberdade – notadamente os japoneses, e com quais atividades contribuíram para a estruturação econômica do distrito. A Liberdade recebeu europeus que iniciaram pequenos negócios; mais tarde, a atuação dos japoneses – que chegaram já na primeira década do século XX, contribuiu para a instalação de atividades de comércio e serviços. Será demonstrado como se iniciou a imigração dos japoneses, para então serem apresentadas as suas contribuições para o desenvolvimento do bairro da Liberdade. Os materiais e métodos para a pesquisa consistem em análise de publicações (jornais e anuários) da colônia japonesa, obras do IBGE e outras obras estatísticas que serão especificadas mais à frente, na organização e elaboração das tabelas com os dados.

### **A imigração japonesa – uma complexa teia de interesses.**

A imigração japonesa para o Brasil se iniciou por volta de 1908. O governo brasileiro enfrentava problemas para trazer os imigrantes europeus em decorrência da má fama do tratamento recebido em terras brasileiras. Por outro lado, o governo japonês necessitava aliviar as pressões demográficas e econômicas por que passava. Sakurai chamou o movimento dos japoneses para o Brasil de “Imigração Tutelada”, um processo acompanhado de perto pelos governos dos dois países (SAKURAI, 1998, p. 4). O destaque do governo japonês está, sobretudo, na atuação de instituições criadas para acompanhar a fixação e orientar os imigrantes nas terras brasileiras.

<sup>1</sup> Para o ano de 1872, o censo existente é o organizado pela igreja que coletava informações de cada paróquia. As paróquias representadas são: Sé, N. S. da Conceição de Sta. Ifigênia, N. S. da Consolação, S. João Baptista e Sr. Bom Jesus de Mattosinhos do Braz.

O início da vinda dos japoneses para o Brasil está inserido em um contexto de ascensão do capitalismo, do final do século XIX até por volta de 1913. A política imperialista japonesa queria colocar o país em nível de competitividade internacional. Um marco regulatório desse período foi a Lei de Proteção aos Imigrantes, baixada em 1896, pela Câmara dos Deputados do Japão, que amparava os japoneses em terras internacionais.

As relações oficiais entre Brasil e Japão tiveram início em 1895 com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Em 1903, o Brasil tinha dois consulados—de Kobe e Yokohama, destinados sobretudo à promoção da imigração; o Japão, por sua vez, possuía três diplomatas no Brasil (BUENO, 2008, p. 142;147).

Dentre os trabalhos que versaram sobre a imigração japonesa, destacam-se dois. O de Sakurai (*op. cit.*), que divide o período imigracionista em dois momentos: ‘Fase Experimental’(1908–1924), em que a maioria dos imigrantes veio com contrato de trabalho para as fazendas de café; e ‘Imigração Tutelada’(1924–1948), período em que o governo japonês dirigiu a instalação e as ações de seus colonos que vinham como proprietários de glebas de terra já adquiridas no Japão; e o de Maejima (2005), que trata sobre a imigração para o Estado de São Paulo, e resultou numa periodização em três fases: “Entrada/Chegada’(1908–1941), quando os colonos visavam acumular dinheiro para se tornarem proprietários e poderem se deslocar; ‘Fixação/Mobilidade’ (1941–1989), fase que marca o início da aculturação dos nipônicos; ‘Aculturação/Emigração’ (pós 1990), momento de avançada aculturação e do fenômeno *dekassegui*. A periodização feita por Sakurai identifica as intenções da política de imigração, e a de Maejima trabalha com a integração do imigrante japonês na sociedade brasileira.

Os japoneses são provenientes majoritariamente de províncias agrícolas. As regiões que mais enviaram imigrantes para o Brasil foram Kyushu, seguida de Chugoku, Okinawa e Hokkaido. As províncias de onde vieram a maioria dos imigrantes são: Kumamoto, Kagoshima e Fukuoka, em Kyushu e Okayama e Yamaguchi em Chugoku, todas regiões com baixa urbanização. Outra província que enviou imigrantes foi Kochi na região de Shikoku (SAKURAI, 2000, p.134-137).

Os números da imigração japonesa para o Brasil citados no trabalho de Sakurai (*op. cit.*, p. 62) são os seguintes: entre 1908–1923 entraram cerca de 31.414 japoneses (média de 2.152 imigrantes/ano); entre 1924 – 1941 entraram cerca de 137.572 (até 1934, a média foi de 12.011 imigrantes/ano, posteriormente de 3.462); e entre 1952–1963 desembarcaram cerca de 45.650 japoneses, totalizando 234.636 nipônicos. Foi, portanto, entre 1924–1934 que se efetuaram as maiores entradas.

A combinação dos dados de Sakurai e dos censos do IBGE permite realizar algumas observações. Por volta de 1920, cerca de 24.435 japoneses que entraram no Brasil estavam no Estado de São Paulo, ou seja, quase 80%! Neste mesmo ano, a população nipônica na capital era baixa, o que mostra que os imigrantes rumaram primeiramente para trabalharem no interior, nas fazendas de café. De 1924–1941, haviam se fixado no Estado de São Paulo 128.957 japoneses. Na capital, de menos de 1.000 nipônicos em 1920, contava com quase 9.000 duas décadas depois.

Embora os censos não tragam os números de japoneses na cidade de São Paulo em 1950 e 1960, a tabela mostra que a permanência no estado diminuiu a partir da década de 50 –pelas restrições causadas pela guerra, e por novos destinos e terras a serem exploradas. Já no município de São Paulo, percebe-se que de 1940–1970 houve um crescimento expressivo da concentração nipônica, somente declinando a partir de 1980, quando teve início o movimento *dekasegui*.

Tabela 4: População nipônica no estado e município de São Paulo 1920 – 1980 –

Ano	Estado	Município	Ano	Estado	Município
1920	24.435	966	1960	111.094	-
1940	128.957	8.923	1970	109.530	45.731
1950	105.311	-	1980	89.361	40.520

Fontes: Censos do IBGE 1920-1980<sup>2</sup>.



Figura1: KKKK- filial no interior  
Fonte: Jornal Notícias de São Paulo 1/1/1935



Figura2: Sociedade Colonizadora do Brasil  
Fonte: Jornal Notícias de São Paulo 1/1/1940

A vinda das famílias nipônicas para o Brasil era organizada por companhias de emigração japonesas como a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha – KKKK, a Federação das Associações de Província Japonesas – KIRK, e a Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda. – BRATAC.<sup>3</sup> Essas companhias demonstram o crescimento do interesse pelas terras brasileiras.

No estatuto da KKKK citado por Sakurai havia a previsão de atuação em diferentes esferas:

[...] 2. gestão de colônias e seu desenvolvimento, venda e compra de bens moveis e imóveis, agricultura, pecuária, pesca, mineração, comissão mercantil e beneficiamento de produtos, armazéns gerais, empreitadas de obras de engenharia civil e arquitetônica, e outras industrias, e publicação de jornais. 3. organização de Companhias que tenham por fim negócios lucrativos no além-mar, ou de Companhias ou Bancos que sejam constituídos em país estrangeiro segundo sua legislação, subscrição, venda, compra e transação de títulos e ações dessas corporações (SAKURAI, 1998, p.12).

Ficam mais claras as intenções do governo japonês agindo por meio das suas companhias de emigração. Dessa forma, os imigrantes que em um primeiro momento tencionavam retornar para o Japão, aos poucos, com a atuação das companhias e de outras instituições de auxílio decidiram permanecer no país; foram

<sup>2</sup> Em nota, Handa afirma que a população de japoneses domiciliados na capital paulista era de pouco mais do que 70.000 pessoas nos anos 1950. Pelos dados apresentados pelo IBGE, acredita-se que esse número esteja superestimado. Cf. Handa (1987, p.762;765).

<sup>3</sup> Outras companhias de colonização atuaram no período, porém as mais citadas e destacadas foram a KKKK, a KIRK e a BRATAC. Cf. Sakurai (1998, p. 13).

constituindo suas poupanças para a aquisição de terras agriculturáveis ou para desenvolver uma ocupação autônoma (SAKURAI, 1998, p. 14-16;2000, p. 82-83).

Durante os anos de guerra, as relações entre os dois países ficaram estremecidas, pela postura adotada pelo Brasil de alinhamento às forças aliadas. Medidas restritivas<sup>4</sup> estavam sendo tomadas desde a chegada de Vargas no poder, em 1930. Porém, nesse contexto já havia movimentos em direção a uma maior organização por parte dos japoneses como associações, escolas e até mesmo a veiculação de jornais – fato que contribuiu para a sua fixação e diminuiu os impactos das decisões do governo. Como exemplo da organização dos nikkeis, após a guerra, no bairro da Liberdade, aumentaram as associações rotativas de crédito denominadas de *tanomoshi-ko* com a participação de imigrantes japoneses ligados diretamente ao setor de serviços. Essas associações funcionavam como meio estratégico de sociabilidade intragrupo e foram fundamentais para a consolidação da presença comercial japonesa no distrito da Liberdade (TANIGUTI, 2011, p.2).

A imigração foi retomada aos poucos depois da guerra, em números mais modestos. Nesse momento, o perfil dos imigrantes havia mudado. Além de mais qualificados, muitos vinham para explorar novas terras ou mesmo para trabalharem nas indústrias que o Japão começava a abrir no Brasil (SAKURAI, 2008, p. 257). Apresentados os motivos que provocaram a imigração, pode-se passar a acompanhar a instalação e o desenvolvimento da colônia japonesa na cidade de São Paulo, especificamente no distrito da Liberdade.

### **Do interior para os porões, dos porões para as fachadas nas ruas: Os japoneses no interior do estado de São Paulo e em outras localidades**

A trajetória dos japoneses no Brasil e em São Paulo pode ser acompanhada, além da bibliografia referente ao tema, por meio dos jornais japoneses, veiculados desde a década de 1920, pelas publicações do 25º e do 40º aniversários da imigração japonesa, e ainda no Catálogo das Indústrias de 1947 e no Cadastro Industrial de 1965, que permitem localizar as atividades econômicas desenvolvidas pelos orientais em São Paulo e na Liberdade.

No ano de 1908, chegaram ao porto de Santos cerca de 781 japoneses, e dessa data em diante, 234.000 nipônicos instalaram-se em todas as partes do país, sobretudo nos estados de São Paulo e Paraná. No início dos anos 1990, somavam cerca de 1.200.000 pessoas, incluindo os descendentes, e desse total, 800 mil só no estado de São Paulo (SAKURAI, 1998, p. 3; LESSER, 2008, p.24). No ano de 1920, os japoneses chegavam ao Brasil e iam majoritariamente rumo às fazendas de café. Os jornais nipônicos mais antigos traziam em suas páginas anúncios de empresas e estabelecimentos localizados em cidades do interior do estado.

---

<sup>4</sup> As medidas abrangiam a proibição do ensino de língua estrangeira, a maior fiscalização das colônias, a aprovação de uma lei que limitava o número de empregados estrangeiros em fábricas e no comércio, e o fechamento de escolas japonesas. Cf. Handa (1987, p.596).

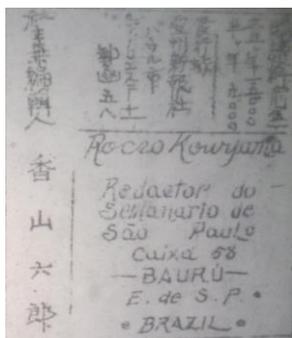


Figura 3: Jornal editado em Bauru/SP  
Fonte: Semanário de São Paulo 2/3/1923



Figura 4: Estabelecimentos no interior  
Fonte: Semanário de São Paulo 2/3/1923

Os primeiros jornais da colônia veiculados no Brasil foram impressos quase completamente em língua japonesa, como pode ser observado nas figuras 3 e 4. Mais do que veículos de informação, os jornais atuaram também como meios para organizar a vida dos colonos e dos imigrantes.

Os anúncios encontrados traziam estabelecimentos de propriedade dos nikkeis, empresas de colonização, oferta de terras e informações sobre locais frequentados pelos nipônicos em várias cidades do interior do estado de São Paulo. Eram cidades como Araraquara, Araçatuba, Bastos, Bauru, Birigui, Cafelândia, Lins, Pedregulho, Penápolis, Promissão e Santos. As atividades dos nikkeis que tiveram destaque nessas cidades foram profissionais liberais - médico, engenheiro civil e dentista, negócios ligados a agricultura como armazéns e máquinas de beneficiamento, mas também estúdio fotográfico, tinturaria, marcenaria, hotéis e loja de automóveis. Essa primeira amostra de anúncios de publicações japonesas compreende os anos de 1920 e 1930, o que mostra que em pouco mais de dez anos desde a chegada dos primeiros grupos de imigrantes, tornaram-se empreendedores nos mais variados seguimentos nas cidades onde se instalaram. O trabalho de Kishimoto (2009, p.11) mostra que até mesmo empresas cinematográficas de japoneses foram fundadas no interior.

Para outros estados, os jornais pesquisados apontaram as cidades de Campo Grande-MS, Miranda-MS e Rio de Janeiro. Nesses locais faziam parte dos negócios dos japoneses aqueles ligados à agricultura – armazéns agrícolas, máquinas de beneficiar arroz, café e algodão; tinturaria, marcenaria e carpintaria (as atividades com madeira serão muito características na cidade de São Paulo, no distrito da Liberdade), secos e molhados, oficinas mecânicas, bares e até mesmo um banco.

### Os japoneses em São Paulo: a instalação no distrito da Liberdade

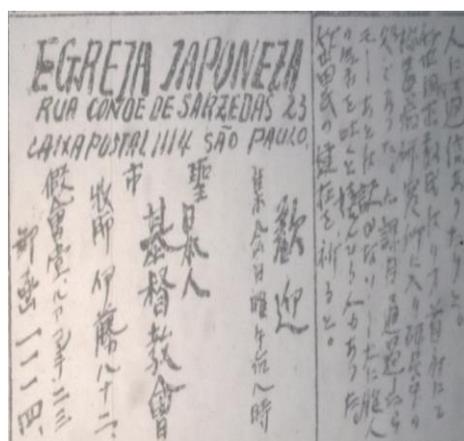
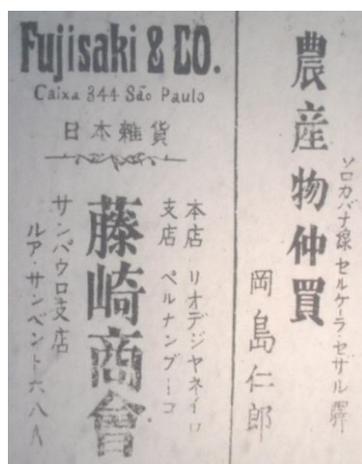
Os primeiros grupos a ocuparem a área foram os europeus – espanhóis, italianos e portugueses. Esses grupos desenvolveram no bairro pequenas atividades de comércio e serviços, ou se empregaram como

pedreiros, carpinteiros, pintores e motoristas (HANDA, 1987, p. 153;168). O “Guia e Cadastro Comercial”, de 1911, aponta alguns nomes característicos de imigrantes europeus e suas atividades como: João de Vincenzo (alfaiataria), Alexandre Venancio Bertoni (barbeiro e cabeleireiro), Carmino La Marque (botequins e bates), Confeitaria Java-Suissa (confeitarias e padarias), Domingos Marzo (fábrica de massas alimentícias), Hbib Elias (fazendas e armarinhos a varejo), Concetta Del Giorno (secos e molhados nacionais e importados), Joaquim Câmara (secos e molhados nacionais e importados) dentre outros. Essas atividades no início do século XX faziam parte da economia do distrito. Não se pode esquecer das instituições criadas pelos estrangeiros com o objetivo de ajuda mútua aos membros das colônias, que contribuíram para acentuar a concentração desses elementos e alavancar seus negócios.

Os nikkeis, que chegaram na capital já na primeira década do século XX, instalaram-se no distrito e iniciaram pequenos negócios como pensões e restaurantes. Em 1920, outros empreendimentos apareceram no bairro sob a responsabilidade ou voltados para os japoneses, inclusive uma igreja e alguns profissionais liberais (HANDA, *op. cit.*, p.585). Na década de 1940, um clube esportivo nikkei era notado<sup>5</sup>. O bairro da Liberdade não foi escolhido por acaso. Além de alguns negócios voltados para os japoneses, esse distrito encontra-se muito próximo da Sé, o centro tradicional da cidade, logo, próximo a mais oportunidades de emprego e serviços.

Foram dez os imigrantes saídos do navio Kasato Maru, em 1908, para a Hospedaria dos Imigrantes que se fixaram na cidade de São Paulo. Esse grupo foi crucial para o futuro adensamento dos nipônicos no município. Em 1920, cerca de 966 nikkeis se encontravam na capital e destes, cerca de 300 residiam na rua Conde de Sarzedas, na Liberdade. O representante da Companhia Imperial de Emigração também veio residir em São Paulo e montou escritório na rua Rodrigo Silva (próxima ao centro). Antes disso, em 1906, alguns japoneses já haviam se fixado em São Paulo – o encarregado da Comercial Fujisaki e outros empregados. Mais tarde, no local da Fujisaki, um casal japonês abriu uma pensão para receber os imigrantes que fugiam das fazendas (HANDA, *op. cit.*, p.152-154).

De 1912 a 1942, os japoneses se concentraram nas proximidades da Rua Conde de Sarzedas, pelos aluguéis baratos, pela proximidade com o centro e dos locais de trabalho. Os nikkeis quase não falavam o português e, portanto, ficar próximo de outros imigrantes facilitava a sua instalação (NEGAWA, 2000 p. 32)



<sup>5</sup> Pelo que se pode notar os japoneses costumavam empregar outros japoneses em seus negócios como um meio de ajuda mútua.

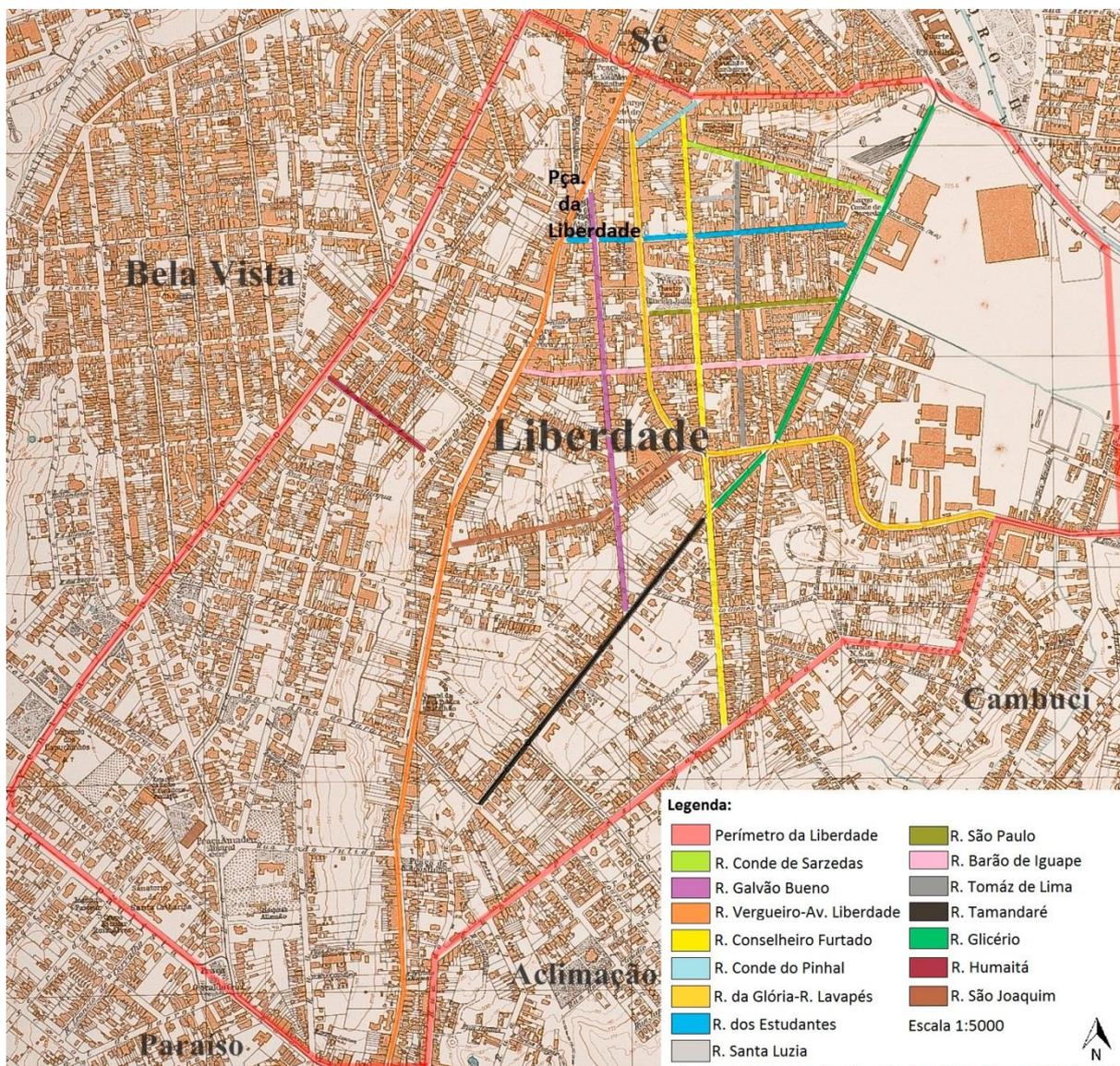
Figura 5: Comercial Fujisaki

Fonte: Jornal Semanário de São Paulo 21/3/1924

Figura 6: Igreja japonesa

Fonte: Jornal Semanário de São Paulo 14/3/1924

O mapa 1 contém a delimitação do distrito da Liberdade em 1920, a localização das principais ruas e da Pça. da Liberdade. As vias em destaque também correspondem àquelas em que os japoneses se concentraram desde o início, a maioria próxima ou com fácil ligação ao centro da cidade, a Sé.



Mapa 1: Distrito da Liberdade em 1920 - principais vias.

Base: Mapa Topográfico do Município de São Paulo executado pela empresa Sara Brasil, 1930.

Fonte: Arquivo Aguirra - Museu Paulista/USP

Adaptado pelo autor.

A concentração no bairro aconteceu de forma progressiva, porém lenta, no início. A vida dos japoneses nessa via foi facilitada pelos estabelecimentos de nipônicos abertos como pensões, restaurantes e mercearias japonesas, que também estavam presentes nas ruas São Paulo e Estudantes. As pensões e hospedarias eram instaladas em casas e as mercearias funcionavam nos porões, geralmente encontradas na parte baixa da

Conde de Sarzedas. Nessas redondezas, os produtos orientais eram facilmente encontrados (HANDA, *op. cit.*, p.155).

As instituições e negócios criados ajudaram na organização e estabelecimento dos nipônicos. Foram fundadas a Associação Japonesa – futura Associação dos Companheiros, a Escola Primária Taisho,<sup>6</sup> e o Nippon Club, aberto em 1914 com o objetivo de reunir os membros da colônia. Por volta de 1924, foi fundada a Zaihaku Nipponjin Dôjinkai – Associação de Benevolência Universal dos Japoneses Radicados no Brasil e, no ano seguinte, o internato Seishu Gijuku (ACAL, 1996, p.70-73). Tais associações promoveram o lazer e a confraternização da comunidade, contribuindo para a organização da colônia (TANNO, 2008, p.68)<sup>7</sup>.

A organização da colônia também é demonstrada pela veiculação de alguns jornais como o Nambei e o Nippak Shinbun, criados em 1916, e o Brasil Jihô, o qual surgiu um ano mais tarde, além de revistas e outros periódicos.<sup>8</sup> A colônia era amparada pelos espaços esportivos e de lazer, associações de beneficência e sedes das companhias de emigração (NEGAWA, *op. cit.*, p. 34-35; HANDA, *op. cit.*, p. 610). Nas proximidades do centro funcionavam a Casa Comercial Fujisaca<sup>9</sup> (iniciada em 1906) – importadora de mantimentos japoneses, a Companhia de Emigração Imperial (localizada na rua Rodrigo Silva de 1908–1909) e o Consulado Geral do Japão (instalado no Largo da Sé de 1915–1919). Em 1914 e 1915, os japoneses já se encontravam em outras vias próximas da Conde de Sarzedas (HANDA, *op. cit.*, p. 576).

Em periodização feita por Negawa para retratar a constituição do bairro oriental, ficaram estabelecidos os seguintes recortes temporais: I Pré-bairro japonês (até 1914) – concentração de japoneses na rua Conde de Sarzedas; II Bairro japonês da “Conde” (1914–1942) – diminuição da concentração em decorrência da ordem de evacuação em 1942 por causa da guerra; III Bairro japonês da “Galvão Bueno” (1953–1975) – expansão do bairro após a segunda guerra, construção do prédio Niterói e início da expansão chinesa e coreana pelo distrito; IV Bairro Oriental (após 1975) – expansão chinesa para outras áreas do bairro oriental conjuntamente com o fenômeno dos *dekasseguis* na década de 80 (NEGAWA, *op. cit.*, p. 5). Os registros pesquisados nos jornais para a década de 1920 confirmam esse quadro, em que a rua Conde de Sarzedas aparece como a primeira polarizada população nikkei, local em que iniciaram as suas primeiras atividades econômicas.

---

<sup>6</sup> A escola foi criada por volta de 1914–1915 com três alunos inicialmente. Em 1916, mudou-se para a Conde de Sarzedas ao final da ladeira. Em 1919, foi reconhecida como escola oficial particular. Era mantida por uma associação (HANDA, 1987, p.177).

<sup>7</sup> A fundação de instituições japonesas nas colônias (escolas, associações, clubes) reflete a tentativa de manter um núcleo familiar, tradicional no Japão, como o culto ao imperador e a hierarquia. Cf. Tsukamoto (1973, p. 27).

<sup>8</sup>Handa (1987, p. 603-606) aponta que em 1916 Ken-ichirô Hoshina iniciou o jornal semanal mimeografado Nambei em língua japonesa veiculado por toda a América do Sul. O Brajiru Jihô ou Brasil Jihô era um impresso da KKKK que possuía sede na rua Conde de Sarzedas. O autor aponta o Seishu-Shimpô (Notícias de São Paulo) de 1921 – que era editado em Bauru e, em 1934, foi transferido para São Paulo –, o Jornal do Japão, lançado em 1932 por Sukenari Onaga, e uma revista mensal denominada Nambei Hyoron de 1923.

<sup>9</sup> No livro de Handa (1987, p. 153) e na dissertação de mestrado de Negawa (2000, p. 30) encontra-se Comercial Fujisaki; em Hall (2004, p. 138-139) lê-se Comercial Fujisaca. Foi instalada inicialmente na Rua São Bento, depois se mudando para o bairro da Água Branca (HANDA, *op. cit.*, p. 154).

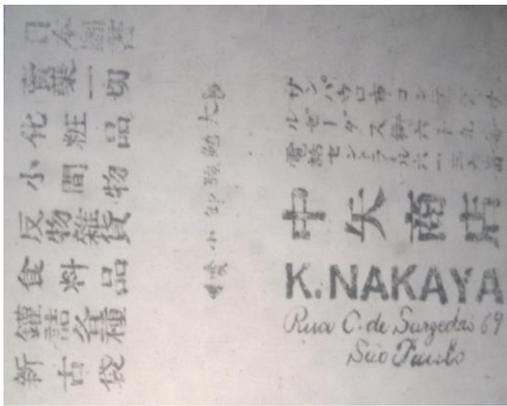


Figura 7: K. Nakaya

Fonte: Jornal Semanário de São Paulo de 6/7/1923



Figura 8: Y. Segui

Fonte: Jornal Semanário de São Paulo de 21/3/1924

Além da concentração no bairro da Liberdade, os japoneses se fixaram em outros bairros. Também nesses locais era possível acompanhar o início de atividades. Na tabela, pode-se notar uma fábrica de doces (com 3 unidades em diferentes pontos) e uma loja de móveis. Também havia concentração dos nikkeis no bairro de Pinheiros – aproximadamente 200 moradores, na região do mercado municipal, e nas redondezas da estação da Luz (HANDA, *op. cit.* p.576).

Tabela 5: Atividades e outros locais de concentração dos japoneses – década de 1930.

Endereço	Nº	Bairro	Nome estabelecimento	Descrição
R. da Consolação	310	Consolação	Casa Motomu	~~
R. da Consolação	140	Consolação	Casa Motomu	~~
R. Minas Geraes	27	Consolação	Casa Motomu	Fábrica de doces
R. Sta. Ifigênia	11 - 4	República	Casa Tóquio	~~
R. Sta. Ifigênia	11-A	República	Casa Tokio	Loja de Móveis
Caixa Postal 23	~~	República	Masuji Toyoshi	~~

Fontes: Pesquisa nos jornais Notícias de São Paulo e Nippon Shimbun e no Anuário Comemorativo do 25º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil.

Não havia apenas jornais japoneses em circulação. Também eram encontradas outras publicações, como revistas e anuários. No ano de 1923, a empresa Nôgyo no Tomo começou a veicular uma revista mimeografada de mesmo nome (ACAL, 1996, p. 70;73). Tanto os jornais quanto as demais publicações japonesas sugerem uma comunidade ativa e consciente da importância da sua articulação. Mais uma vez, citar o papel desempenhado pelas companhias de imigração para a organização da colônia reforça as ações de promoção da vida comunitária, associativa e econômica. As iniciativas tomadas tanto com as instituições criadas (escolas, clubes, companhias de imigração) quanto com as iniciativas da própria comunidade (como a criação das associações de crédito) mostram uma preocupação com a promoção econômica e cultural da colônia.

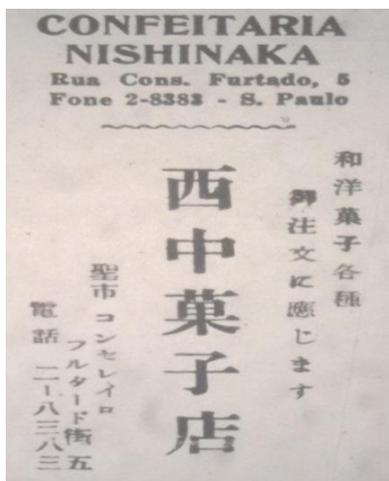


Figura 9: Confeitaria Nishinaka  
 Fonte: Jornal Nippon Shimbun – 14/11/1933



Figura 10: Casa Hase  
 Fonte: Jornal Notícias de São Paulo de 1/1/1935



Figura 11: Nippaku Cinema Sha  
 Fonte: Anuário Comemorativo do 25º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil – 1933

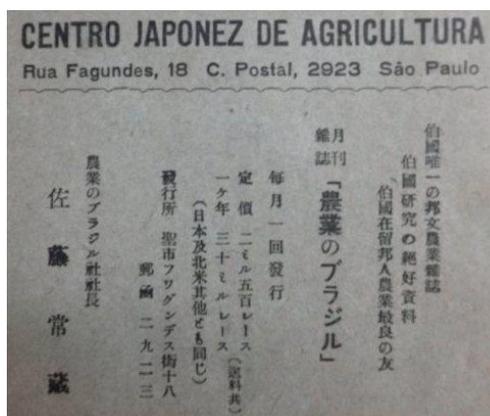


Figura 12: Centro Japonês de Agricultura

As ruas de maior concentração no distrito nas décadas de 1930-1940 eram a Conde de Sarzedas – com 300 imigrantes, Irmã Simpliciana – que possuía mais lojas, Tabatinguera, Conde do Pinhal, Conselheiro Furtado – com 140 imigrantes, Bonita (atual Tomás de Lima) – com 40 imigrantes, Estudantes e São Paulo. No bairro, muitas atividades relacionadas aos japoneses eram observadas, com destaque para aquelas ligadas ao setor moveleiro (HANDA, *op. cit.*, p. 174).

### Década de 1930 e 1940 – o período da guerra

As décadas de 1930–1940 foram um período de crescimento e desenvolvimento comercial do bairro. Esse fato coincidiu com a crise do café de 1929 que obrigou muitos japoneses ainda nas fazendas a se dirigirem para a cidade, o que causou aumento dos nikkeis na capital: 4.563 em 1934 e 8.293 em 1940 (HALL, *op. cit.* p.137).

Se por um lado o distrito estava se desenvolvendo, por outro, a colônia japonesa sofreu com o início do período de guerra. Esse contexto foi marcado pelo nacionalismo e perseguição aos japoneses. Vargas estava no poder desde 1930 e havia tomado algumas medidas restritivas. Dentre as que se destacaram estão a

limitação da entrada de imigrantes a 2% do total de ingressantes nos últimos 50 anos,<sup>10</sup> o aumento da fiscalização sobre as instituições e publicações estrangeiras entre 1938 e 1939, e por fim, no ano de 1942 a ordem de evacuação para os nikkeis próximos à Conde de Sarzedas, o que provocou sua dispersão pela cidade (HANDA, *op. cit.*, p. 632).

Em tempos de guerra e de Estado Novo, quando vigorou a centralização do poder, não é difícil imaginar as arbitrariedades cometidas pelo governo brasileiro em desfavor dos estrangeiros dos países inimigos na guerra. Dentre os decretos-leis referentes a esse momento estão os de nº 4.166 de 1942,<sup>11</sup> que regulava os bens e impostos dos estrangeiros; 10.358 de agosto de 1942, que declara o estado de guerra contra os países do eixo; 4.807 de outubro de 1942, que cria a comissão de defesa econômica; e 5.777 de agosto de 1943, que dispõe sobre as desapropriações e liquidações a serem efetuadas para a defesa econômica do país, nas quais constavam inúmeros negócios japoneses. No decreto nº 13.753 de outubro de 1943, que lista várias atividades de estrangeiros a serem liquidadas em diferentes pontos do país (entre associações, empresas etc) foram encontradas algumas localizadas em São Paulo: Casa Bratac, Brazcot (cooperativa agrícola), Casa Bancária Brazcot, Casa Bancária Bratac, Sociedade Colonizadora do Brasil, Casa Tozan Ltda., Kaigai Kogio Kabushiki Kaisha (empresa de colonização), Armazém Kaiko, Konishi & Cia, Ohara Irmão & Cia, dentre outras.

Outras medidas adotadas pelo governo para italianos, alemães e japoneses foram a proibição de compra e venda de propriedades e a nacionalização de todas as empresas estrangeiras, o que travou – mesmo que temporariamente – a ascensão social destes grupos (SAKURAI, *op.cit.*, p. 20). Ainda houve uma lei que restringia o número de empregados estrangeiros nas fábricas a 1/3 do total, e outra que aumentou o controle dos estabelecimentos de ensino e dos meios de comunicação – em 1941 os jornais japoneses foram obrigados a paralisar suas edições (HANDA, *op. cit.* p.631).

Somente depois de findado o armistício, os nipônicos voltaram a se reunir na Liberdade. Nesse retorno, no período de 1953–1975, os japoneses estiveram mais presentes nas proximidades da rua Galvão Bueno e da Praça da Liberdade. Essa nova localização apresentava melhores condições que a área da Conde de Sarzedas, de topografia íngreme e sujeita a inundações (NEGAWA, *op. cit.*, p. 38).

---

<sup>10</sup> Assim os números ficaram entre 2.500 japoneses entrados em 1938, 1.300 em 1939, até que em 1942 havia cessado a imigração (HANDA, *op.cit.* p.710).

<sup>11</sup> Este decreto-lei encontra-se disponível *online* no site <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 26/07/2014.



Figura 13: Anúncio da Casa Nakaya<sup>12</sup>

Fonte: Jornal Notícias de São Paulo de 24/1/1940

## Os anos após a guerra

Devido às dificuldades de comunicação, após o período da guerra uma situação peculiar se estabeleceu. Houve a divisão dos japoneses em dois grupos, os *kachigumi* e os *makegumi*. Enquanto aqueles acreditavam que o Japão havia sido vitorioso, estes acreditavam na sua derrota. Vários incidentes foram registrados entre os dois grupos em cidades de São Paulo e do Paraná. Em meio a violência houve atos de solidariedade dentro dos grupos, como a instalação de um albergue no ano de 1934 pelo estudante Hajime Higaki na alameda Galvão Bueno, próximo a rua Tamandaré, para hospedar japoneses do partido Vitorista (*Kachigumi*) vindos do interior do estado (ACAL, 1996, p. 74-76). Os desentendimentos entre os rivais só terminaram com a atuação do DOPS em 1946.<sup>13</sup> Com o restabelecimento da colônia, novas áreas do distrito foram ocupadas pelos japoneses. O Catálogo das Indústrias de 1947 mostra a presença de atividades de japoneses nas ruas Barão de Iguape, Fagundes, Glicério, Humaitá, Tamandaré e Vergueiro.

No retorno após a evacuação, no período de 1953–1975, os japoneses passaram a se concentrar no entorno da rua Galvão Bueno e da Praça da Liberdade. O período pós-guerra marcou a reestruturação da colônia e de seus aparatos. Foram fundados novos jornais e uma associação de ajuda as vítimas da guerra. Também foi criada a Comissão da festa do IV Centenário de São Paulo – futura Associação de Cooperação dos Japoneses (NEGAWA, *op. cit.*, p. 42).

<sup>12</sup> Repare que não se trata do mesmo endereço aparecido na Figura 7. Pode ser uma filial ou ter mudado de endereço buscando outra localização.

<sup>13</sup> Em 1945, no bairro do Jabaquara, fundou-se a Shindô Renmei (Liga do Caminho dos Súditos), que era uma liga patriótica que procurava doutrinar o código de conduta que os súditos deveriam tomar em relação ao imperador japonês. Foi fundada com base nas expectativas de chegar algum emissário japonês anunciando a vitória dos japoneses na guerra. A Shindô Renmei confeccionou encartes noticiando a vitória do Japão e vendeu aos colonos (HANDA, *op. cit.*, p.657).



Figura14: Jornal Diário Nippak

Fonte: Jornal Diário Nippak de 04/1/1964



Figura15: Consultórios médicos

Fonte: Jornal Diário Nippak de 3/3/1964

A inauguração do Cine Niterói por um comerciante japonês em 1953 é emblemática da concentração na Galvão Bueno. Aos poucos essa rua foi tornando-se o modelo do que viria a ser o bairro, cheia de estabelecimentos comerciais. “ A partir do ano seguinte à inauguração do cinema, lojas como Chá Flora, Ikeda, Nishitani, Doceria Niterói, Bar Kimura e Restaurante Asahi, entre outras, foram inauguradas na Galvão Bueno” (NEGAWA, *op. cit.* p.45). O Banco Bradesco se instalou na Praça da Liberdade em 1957, assim como mais 4 cinemas apareceram no bairro no final da década, o que lhe deu um status de centro de lazer<sup>14</sup>. No ano de 1965, foi fundada a Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade – atual Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), responsável por planejar e realizar eventos para promoção do bairro. No distrito, também funcionavam uma transmissora de TV e uma rádio japonesas (NEGAWA, *op. cit.*, p. 64).

É importante lembrar da fundação da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa em 1964<sup>15</sup> e a abertura das estações Liberdade e São Joaquim do metrô em 1975<sup>16</sup> que marcaram a história e o desenvolvimento do distrito. Deve-se destacar a fundação do Museu Histórico da Imigração Japonesa, em 1978, localizado ao lado do prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, na rua São Joaquim, referencial para a colônia e pesquisadores.

Outras estratégias foram utilizadas pelos japoneses para a sua recuperação no pós-guerra como as *tanomoshi-ko* (associações rotativas de crédito). Taniguti (2011, p. 1) argumenta que essas associações foram fundamentais para manter os negócios no bairro, sobretudo após as inúmeras restrições sofridas durante a guerra. Cada associado pagava um valor mensal como contribuição; em cada reunião uma pessoa era contemplada após dar um lance para retirar o montante arrecadado e pagava posteriormente uma quantia de juros.

<sup>14</sup> Na época funcionavam na região os cines Niterói e Nippon - na rua Santa Luzia, Jóia - na praça Carlos Gomes e Tokyo - na rua São Joaquim. Ver <<http://www.culturajaponesa.com.br/hm/historiadaliberdade.html>>. Acesso em 26/07/2014.

<sup>15</sup> A Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa agrega múltiplas funções de auxílio a colônia, inclusive distribuindo bolsas de estudos universitários para os colonos. Houve uma instituição precursora dessa instituição que foi a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa fundada em 1955. Cf. HANDA *op. cit.*, p.762-763.

<sup>16</sup> Embora o site Cultura Japonesa registre que com a abertura da estação Liberdade alguns pontos comerciais tenham desaparecido. Ver <<http://www.culturajaponesa.com.br/hm/historiadaliberdade.html>>. Acesso em 26/07/2014.

Em 1968, foi inaugurado no bairro o viaduto Osaka. Na solenidade, o prefeito da cidade, Paulo Salim Maluf, externou seu desejo de que o bairro da Liberdade se tornasse um bairro oriental. Em 1974, teve início a construção do arco de Torii, que marcou a data oficial do nascimento do Bairro Oriental – 9 de novembro – e desde 1975 há a feira oriental na Praça da Liberdade. Esses fatos confirmam a importância dos japoneses para a história do bairro.

## As atividades dos japoneses

A bibliografia e as publicações dos japoneses somadas ao Catálogo das Indústrias de 1947 e ao Cadastro Industrial de 1965 irão permitir pontuar em quais atividades os japoneses estavam se destacando e em que localizações se concentravam. As atividades serão apresentadas obedecendo ao período dos registros e destacando as vias de concentração.

Como mostrado, os primeiros japoneses instalados na Liberdade foram residir nos porões da rua Conde de Sarzedas. No ano de 1914, a abertura da Pensão Ueji e da Merceria Seki contribuíram para atrair mais orientais (HANDA, *op. cit.*, p.169). No Guia Comercial de 1911, há somente um estabelecimento na categoria de ‘bazar e artigos japoneses’ que correspondia a Comercial Fujisaki (importadora/exportadora) que naquele momento se localizava na rua São Bento, no centro.

A presença japonesa estava crescendo e a comunidade se consolidando na década de 1920. De acordo com a pesquisa realizada, na rua Conde de Sarzedas – o nascedouro da colônia – havia a presença de uma igreja japonesa e de uma importadora de artigos japoneses (K. Nakaya). Na rua Galvão Bueno havia a ‘Missão Japonesa’, que pelo nome pode-se deduzir que se tratava de uma delegação ou órgão para promover a colônia<sup>17</sup>.

Na década de 1930, os japoneses também eram encontrados em outras ruas, marcando a sua expansão pelo distrito.

Tabela 6: Atividades dos japoneses na década de 1930<sup>18</sup>

Endereço	Nome do estabelecimento	Descrição
R. Condessa de S. Joaquim	Y. Kinjo	Cirurgião Dentista
R. Conde de Sarzedas	Dr. Jose Takesita	Médico
R. Conde do Pinhal	Nipakku Cinema Sha	Cinema
R. Conde do Pinhal	~~	~~
R. C. Furtado	~~	~~
R. C. Furtado	~~	~~
R. C. Furtado	G. Watanabe	~~
R. C. Furtado	Confeitaria Nishinaka	Confeitaria
R. Estudantes	Okubo, Sakagami & Cia	Corretores de câmbio e títulos
R. Fagundes	Centro Japonês de Agricultura	~~
R. Irmã Simpliciana	S. Hase	~~

<sup>17</sup> Pesquisa realizada no Jornal Semanário de São Paulo edições de 1923, 1924 e 1928. Foram encontrados outros três registros de atividades de japoneses na rua Conde de Sarzedas, porém, não foi possível identificar quais os ramos das atividades.

<sup>18</sup> Pesquisa realizada nas seguintes fontes: Jornal Notícias de São Paulo, Jornal Nippon Shimbun, Anuário Comemorativo do 25º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil.

R. Irmã Simpliciana	G. Kuniy		~~
R. Irmã Simpliciana		~~	Relojoeiro
R. Irmã Simpliciana	Casa Kuniy		~~

Fontes: Pesquisa nos jornais Notícias de São Paulo e Nippon Shimbun eno Anuário Comemorativo do 25º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil.

Handa (*op. cit.*, p. 576) diz que o número de japoneses residindo na rua Conde de Sarzedas havia aumentado para 600. Somente nessa rua estavam localizadas a pensão Ueji, a Casa Nakaya, o Hotel Tokiwa, o restaurante Aoyagi, as clínicas dentárias Murakami e Yamato Kinjō, a Casa Kunii, a loja de armas Watanabe, a Casa Hase e a loja Tsunehachirō Endō (NEGAWA, 2007)<sup>19</sup>. O aparecimento de profissionais liberais (como dentistas) demonstra o desenvolvimento da colônia e a diversificação das atividades dos nikkeis. Outras ruas também apresentavam atividades desenvolvidas pelos orientais, tornando a paisagem mais peculiar.

Nas tabelas a seguir o número entre parêntese ao lado do endereço mostra a quantidade de estabelecimentos encontrados na rua, assim como o número entre parêntese ao lado da descrição mostra a quantidade de estabelecimentos com o mesmo ramo encontrados.

<sup>19</sup> Texto completo online in <<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2007/4/27/brazil-nihonjinmachi/>> Acesso em 26/07/2014.

Tabela 7: Atividades dos japoneses na década de 1940<sup>20</sup>

<b>Endereço</b>	<b>Nome do estabelecimento</b>	<b>Descrição</b>
Pça. Carlos Gomes (1)	Cooperativa Central Nippo-Brasileira	Cooperativa
R. B. de Iguape (2)	Sugai & Irmãos; Yuzo Enokibara	Doces; Roupas
R. C. de Sarzedas (3)	Midori Nakama; Kenji Akaboshi; Paulo Nakama	Instalação e Construções; Incenso; Peixe Moído
R. C. do Pinhal (1)	Jisakazu Mizutani; Casa Nakaya	Roupas
R. C. Furtado (5)	Sakuro Hase; Jideto Nishinaka; Seisaku Kawamura; Sociedade Importadora e Exportadora Sol Ltda; Clube Esportivo	Relógios; Doces; Brinquedos; Importadora; Clube
R. Estudantes (3)	Yasuno Uchihata; Cassoo Miyakawa; Keiti Murakami	Construção; Madeira; Doces
R. Fagundes (1)	Chizuko Kuroishi	Gráfica
R. Galvão Bueno (1)	Seigui Sato	Impermeabilização de capas
R. Glicério (2)	Torazo Nagata; Shika Nakamura	Embalagem; Móveis
R. Glória (3)	Miyoko Kitaoka; Riozo Kida & Filhos; Kiyoto Kato	Embalagem; Móveis (2)
R. Humaitá (1)	Hideo Kubota	Chá
R. Irmã Simpliciana (2)	Casa Hase; Morimasa Yokota	Roupas
R. Liberdade (1)	Shinnoske Maruno	Móveis
R. Sinimbu (1)	Makoto Komaba	Consertos de artigos domésticos
R. Tabatinguera (1)	Hotel Nippon	Hotel
R. Tamandaré (2)	Manzo Shinohara; Masaetsu Hagihara	Madeira; Artigos de caça e pesca
R. Tomaz de Lima (2)	Massanori Hiraguchi; Toyojiro Sugai	Roupas; Brinquedos
R. Tomaz Gonzaga (1)	Sakurato Tati	Móveis
R. Vergueiro (1)	Harmi Ishikawa	Móveis

Fontes: Pesquisas no Jornal Notícias de São Paulo, no Anuário Comemorativo do 40º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil e no Catálogo das Indústrias de 1947.

Negawa (*op. cit.*) menciona em sua obra que as décadas de 1930 e 1940 foram de crescimento da colônia japonesa. Essa informação é confirmada com Catálogo das Indústrias de 1947, que mostra a maioria dos estabelecimentos fundados – demonstrados na tabela acima - no final da década de 1930 e início de 1940. É exuberante a multiplicação dos negócios ligados aos nikkeis.

Na Liberdade, a região de concentração ainda era a Conde de Sarzedas nas proximidades com a Sé (Conde do Pinhal, Conselheiro Furtado, Estudantes, Galvão Bueno, Glória, Irmã Simpliciana, Sinimbu etc), porém, a essa altura os orientais haviam ocupado também os espaços das ruas Tomaz de Lima, Barão de Iguape e Tomaz Gonzaga (ainda próximo da Conde), Fagundes e Tamandaré (na direção dos bairros ao sul), Glicério (a sudeste da Sé), e Vergueiro (mais distante – continuação da avenida da Liberdade). As suas atividades estavam diversificadas como hotel, importadora e exportadora, cooperativa, clube esportivo, roupas, madeireira, fábrica de embalagens, construção civil, artigos em geral, relojoaria e outros. Em artigo publicado no ano de 1940, dizia-se haver na região da Conde de Sarzedas, Conde do Pinhal, Irmã

<sup>20</sup> Pesquisa realizada nas seguintes fontes: Jornal Notícias de São Paulo, Anuário Comemorativo do 40º Aniversário da Imigração Japonesa ao Brasil e Catálogo das Indústrias de 1947.

Simpliciana, Estudantes, Glória, Tabatinguera e São Paulo, duas pensões - Yashima e Asami, e cinco hotéis – Miyako (desde 1924), Suehiro, Iokiwa, Kiusku e Manpei (ARAÚJO, *op. cit.*, p.238).

Se na década de 1940 os negócios com móveis e madeira no distrito aumentaram, os japoneses são responsáveis em parte por esse movimento. São oito unidades surgidas. Há ainda que destacar o crescimento das atividades de roupas e de alimentação (doces), ramos que se expandiram nas ruas próximas a Sé, devendo-se aos japoneses, portanto, parte nesse aumento. Mais tarde os japoneses entrarão no ramo de gráfica, sendo responsáveis pelo aumento dessa atividade no distrito.

Tabela 8: Atividades dos japoneses na Liberdade na década de 1950<sup>21</sup>

<b>Endereço</b>	<b>Nome do estabelecimento</b>	<b>Descrição</b>
Av. Liberdade (3)	Provimi do Brasil S.A; Imobiliária Colonial; Sociedade Imóveis Anchieta	Ração; Imobiliária (2)
Pça. da Liberdade (3)	Sanyotex; Banco Agro Comercial de São Paulo;	Banco; Roupas
Pça. Carlos Gomes (1)	Daichi Organização Imobiliária	Imobiliária
R. C. de Sarzedas (3)	Japan Air Lines; Univertur; Curso João Mendes	Agência de Viagens; Agência de Aviação; Curso de português e japonês
R. C. do Pinhal (1)	Akatsuki	Agência de viagens
R. Estudantes (1)	Hotel Ikeda	Hotel
R. Galvão Bueno (4)	Impor-Fuji; Tecidos J. Moraes & Filhos; Grêmio Recreativo União dos Alfaiates de São Paulo; Alfaiataria Glória	Importadora e exportadora; Roupas; Relojoaria e joalheria; Alfaiate; Grêmio Recreativo
R. Tabatinguera (2)	Kanhin Yamashita; Cooperativa Banco Agrícola Sul Oriental	Banco

Fontes: Pesquisa nos jornais São Paulo Shimbun e Diário Nippak.

Na década de 1950, a ascensão dos nipônicos foi confirmada pelo desenvolvimento de atividades de maior investimento e complexidade. Essas atividades referem-se a agências de viagens e de passagens (Japan Air Lines e Akatsuki), o surgimento de uma nova importadora e exportadora e da Daichi Organização Imobiliária Ltda,<sup>22</sup> o que marca a entrada dos japoneses no setor imobiliário. Isso mostra que a colônia havia se transformado e que esse grupo havia conquistado maior integração na sociedade paulistana. Além dessas atividades, os registros apontam um curso de japonês e português e um hotel. Há outras atividades recolhidas nos jornais, porém não foi possível identificar se eram desenvolvidas pelos japoneses; foram mantidas na relação visto que figuraram em publicações voltadas para a colônia e ajudam a identificar outras atividades no distrito, como por exemplo, a Sociedade de Imóveis Anchieta.

Nos anos 1950, época promissora do cinema mundial, foram inaugurados na Liberdade quatro cinemas japoneses. O mais famoso deles foi o Cine Niterói na rua Galvão Bueno, aberto em 1953, mas ainda havia o

<sup>21</sup> Pesquisa nas fontes: Jornal São Paulo Shimbun e Jornal Diário Nippak.

<sup>22</sup> Na edição do Jornal São Paulo Shimbun de 23/03/1956 havia o anúncio de mais uma imobiliária localizada na avenida Araci, 177 (Imobiliária Hirata).

Cine Jóia, na praça Carlos Gomes aberto em 1952, o Cine Tóquio na rua São Joaquim, aberto em 1954, e por fim o Cine Nippon, aberto em 1959 na rua Santa Luzia (KISHIMOTO, *op. cit.*, p. 20;24;29;31).

Tabela 9: Atividades dos japoneses na Liberdade na década de 1960<sup>23</sup>

<b>Endereço</b>	<b>Nome do estabelecimento</b>	<b>Descrição</b>
Av. Liberdade (2)	Dra. Akira Noda; Keiko Takayama	Consultório
Pça. da Liberdade (3)	Dr. Miyuki Imamura; Sr. Antônio; Oficina Endo	Consultório; fotografia
Lg. Pólvora	Tadayuki Anze	Roupas e acessórios
R. Barão de Iguape (3)	Tosigi Saiga; Keizo Arimura; Sakata e Okuba Ltda.	Artigos diversos (2); Móveis e madeira
R. Carolina Augusta (1)	Yasujiro Maruyana	Móveis e madeira
R. C. de Sarzedas (2)	Marcenaria Nissei; Kingo Takeda	Móveis e madeira; artigos esportivos
R. C. Furtado (2)	Hideto Nishinaka e Cia; Siesol	Doces; Importadora
R. Espírita (2)	Manzo Shinohara	Móveis e madeira
R. Estudantes (4)	Katsuyoshi Nomoto; Kawagushi e Filho; Marcenaria Maeda; Nambei Imp. e Exp. Ltda.	Artigos diversos (2); Móveis e madeira
R. Fagundes (1)	Gráfica Kuroishi	Gráfica
R. Galvão Bueno (3)	Nobuyoshi Uchita; Akira Kajimoyo; Pilot Pen do Brasil	Artigos diversos (2); Indústria de canetas
R. Glória (3)	Kida Kaname; Kiyohaku Morishita; Empresa Gráfica Nippak	Móveis e madeira (3); Gráfica
R. São Joaquim (2)	Tadashi Nitta; Bunkyo	Roupas e acessórios; Sociedade Bras. de Cultura Japonesa
R. Lavapés (2)	Keizo Yamamoto; Rokuro Tai	Móveis e madeira (2)
R. Maestro Cardim (1)	Tadayoshi Ito	Artigos de uso doméstico
R. S. João Batista (1)	Tamura S.A Ind. Eletrônica	Artigos de uso doméstico
R. São Paulo (3)	K. Ogura; Takiy e Komiyama Ltda; Marcenaria Maeda	Móveis e madeira (2); Gráfica
R. Sinimbu (3)	Fusae Tanaka; K. Morikoshi e Filho; Falchi e Miura	Gráfica (2); Brinquedos
R. Siqueira Campos (1)	Cia. Edit. Gráf. Teikoku	Gráfica
R. Tamandaré (4)	Kengo Okeda; Marcenaria Sato; Suematsu e Cia.; Goro Fujikawa	Móveis e madeira (3); Produtos de confeitaria
R. Teixeira Leite (1)	Takeyoshi Bossako	Móveis e madeira
R. Tomaz de Lima (2)	Empr. Jornalística S. Paulo Shimbun; Ind. Elétrico Denkó	Gráfica
R. Tte. Otávio Gomes	Eletrmec Ind. Com. Fuji	Metal
R. Vergueiro	Kurao Kimura; Uchidomari e Vezu	Móveis e madeira (2)

Fontes: Pesquisa no Cadastro Industrial do IBGE de 1965 e nos jornais Diário Nippak e São Paulo Shimbun.

Com os registros dos japoneses, na década de 1960, percebe-se a concentração de suas atividades em dois ramos em especial: o de madeira e móveis e nas atividades de gráfica. No total, foram 18 estabelecimentos localizados no seguimento de madeira e 7 no seguimento de atividades gráfica. Além desses dois ramos específicos que muito se destacaram, há também profissionais liberais com consultórios instalados, e outras atividades como importadoras, fábrica de brinquedos e de artigos diversos, atividades de siderurgia,

<sup>23</sup> Pesquisa realizada nas fontes: Cadastro Industrial do IBGE de 1965, Jornal Diário Nippak, Jornal São Paulo Shimbun

confeções de roupas e acessórios, fábrica de alimentos (doces) entre outras. Na tabela também aparece o Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, localizada na rua São Joaquim, instituição que foi muito importante para o crescimento da colônia e continua atuando até os dias atuais.

Em relação à concentração no bairro, ficam evidenciados os endereços referentes às ruas com proximidade da Sé (centro de São Paulo). Pode-se notar que é nessa área que os nipônicos estão concentrados, região de intenso fluxo de pessoas e, portanto, excelente local para estabelecer negócios próprios. É aí que as suas atividades relacionadas à madeira e gráfica se concentravam. Embora houvesse essa grande concentração, próxima da Conde de Sarzedas, onde tudo começou, os nipônicos avançaram e estabeleceram atividades nas ruas Fagundes, Tamandaré, Vergueiro, Maestro Cardim e Siqueira Campos dentre outras, mostrando que a medida que a colônia prosperava, também havia um aumento da área de abrangência dos seus negócios.

### **Considerações Finais**

Não fica dúvida quando se olha para a história da cidade de São Paulo quanto à contribuição dos diferentes grupos vindos do exterior, neste texto demonstrado no contexto do distrito da Liberdade. Desde as primeiras décadas do século XX, assim que os japoneses se instalaram na área, iniciaram pequenos negócios aproveitando-se da proximidade com a área central. Por meio de negócios voltados inicialmente aos membros da colônia japonesa, este grupo ajudou a tornar o distrito da Liberdade uma referência para os habitantes locais e de outros bairros. A integração e expansão dos negócios japoneses foram de grandes proporções, confirmada pela diversidade de ramos em que estavam presentes e também pela localização em diferentes pontos do bairro. Os japoneses ainda foram os responsáveis pelo aumento das atividades de gráfica e de madeira no distrito, conforme mostrado nas tabelas, porém, suas atividades encontram-se diversificadas e estão presentes até mesmo com bancos, agências de viagens, imobiliárias e construtoras. Esses dados demonstram a intensa integração econômica dos japoneses na sociedade brasileira, embora tenham fundado e mantido instituições para preservar seus costumes e cultura, quase sempre localizadas no distrito da Liberdade.

A Liberdade contém características singulares que estruturaram o bairro segundo a atuação dos estrangeiros, que buscaram se adaptar ao novo território, a nova pátria adotada. Houve uma forte presença cultural no início e a intenção de fazer do Brasil apenas um local de passagem. A coesão dos japoneses foi mantida por meio das instituições, dos veículos de informação e da concentração no distrito. Essa coesão se faz presente ainda que de outros modos, principalmente por representar a força comercial que este grupo étnico dá ao bairro, em detrimento da verdadeira tradição cultural<sup>24</sup>. Os negócios iniciados por japoneses apontados neste texto foram herdados por chineses e coreanos que se aproveitaram dessa concentração e da caracterização do bairro. Esse processo foi agravado nas últimas décadas com o fenômeno *dekassegui*. A

---

<sup>24</sup> Em matérias de jornais há a percepção dessa perda. Exemplo é a procura cada vez maior desses grupos étnicos por igrejas ocidentais. Cf. “Na Liberdade, um mundo de sons e cores”. Folha de São Paulo de 04/07/1982.

chegada de chineses e coreanos constitui o objeto de outros estudos, necessários para delinear as múltiplas presenças estrangeiras no distrito da Liberdade.

## **Bibliografia**

- ARAÚJO, O. E. Enquistamentos étnicos. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, Vol. LXV, p. 227-246, 1940.
- BUENO, C. O tratado de 1895 e o início das relações Brasil-Japão. *In: Hashimoto, F; Tanno, J. L; Okamoto, M. S. (orgs). Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (371 págs).*
- FAUSTO, B. **Negócios e ócios**. Histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.(230 págs).
- FELDMAN, S. Bom Retiro: permanence of urban fabric and movement of foreigners. *In: 13th BIENNIAL INTERNATIONAL PLANNING HISTORY SOCIETY CONFERENCE, Chicago, 2008. Public versus Private Planning: Themes, Trends and Tensions*, v. 01, p.633-643.
- HANDA, T. **O Imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987. (828 págs).
- HALL, M. Imigrantes na cidade de São Paulo. *In: PORTA Paula (org). História da Cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004. (620 págs).*
- JYE, C. T; SHYU, D. J. Y; MENEZES JR, A. J. B. de . Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua. **Synergies Brésil**, v. 7, p. 57/2. 2-64, 2009.
- KISHIMOTO, A. **A experiência do cinema japonês no bairro da Liberdade**. Mestrado em Antropologia Social, USP, FFLCH, 2009.
- LESSER, J. De nikkei para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo. *In: Hashimoto, F; Tanno, J. L; Okamoto, M. S. (orgs). Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (371 págs).*
- MAEJIMA, W. K. **Imigração japonesa no Estado de São Paulo, 1908-1941**. Mestrado em Geografia, USP, FFLCH, São Paulo, 2005.
- NEGAWA, S. **Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. Mestrado em História Social, USP, FFLC, São Paulo: 2000.
- \_\_\_\_\_. **Um bairro japonês no Brasil** - Capítulo 3: Rua Conde e arredores — os rumores da guerra. Desassossego em tempos de paz. A restauração da ordem. Traduzido por Kenji Matsuzaka. 2007. *Online in*<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2007/4/27/brazil-nihonjinmachi/>>. Acesso em 26/07/2014.
- SAKURAI, C. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941. *In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu-MG, 1998. GT 9 Migrações Internacionais.*
- \_\_\_\_\_, **Imigração tutelada: os japoneses no Brasil**. Doutorado em Antropologia, Unicamp, IFCH, Campinas-SP, 2000.
- \_\_\_\_\_, **Os japoneses**. 1ª. Ed.. São Paulo: Editora Contexto, 2008. (368 págs).

SHOJI, R. Reinterpretação do Budismo Chinês e Coreano no Brasil. *In: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, nº 3, pp. 74-87, 2004. *Online in* <[www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_shoji.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf)>. Acesso em 26/07/2014.

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Editora Nacional, 2ª ed., 1977. (377 págs).

TANIGUTI, G. T. Tanomoshi-ko: associações rotativas de crédito e poupança do bairro da Liberdade, em São Paulo. São Carlos, UFSCAR 2011. **Anais do II Seminário do Programa de Pós-graduação em Sociologia – Sociedade e Subjetividade**.

TANNO, J. L. Formas de sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista 1930-1970. *In*: Hashimoto, F; Tanno, J. L; Okamoto, M. S. (orgs). **Cem anos da imigração japonesa**: história, memória e arte. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (371 págs).

TSUKAMOTO, T. Algumas considerações sobre o processo imigratório. *In*: Saito, H.; Maeyama, T. (orgs) **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1973. (558 págs).

#### **Outras obras e documentos.**

ACAL. **Liberdade**. Topan Express Editora, São Paulo, 1996.

**Anuário Commemorativo do 25º Aniversário da Imigração Nipônica ao Brasil**. Editado pelo Seishu Shimpo. São Paulo, 1933.

KOYAMA, R. Min yonju nen shi (**Anuário Comemorativo do 40º Aniversário da Imigração nipônica ao Brasil**). São Paulo, Empresa Gráfica Brasileira. São Paulo, 1949.

FUNDAÇÃO IBGE. **CADASTRO INDUSTRIAL – 1965**. Estado de São Paulo: município da capital segundo distritos. Vol. VII, Tomo II. Brasil: 1968.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Catálogo das indústrias do município da capital** - Departamento Estadual de Estatística (1947). São Paulo. Tipografia Brasil. Rothschild Loureiro & Cia. Ltda.

MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Guia e Cadastro Commercial da cidade de São Paulo para o anno de 1911**. São Paulo: Thomas, 1911.

#### **Jornais**

Diário Nippak; Folha de São Paulo; Jornal da Tarde; Jornal do Nikkey; Jornal Nipo-Brasil; Nippon Shimbun; Notícias de São Paulo; Semanário de São Paulo.